

A NOVIDADE

Folha critica, litteraria e recreativa

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

ADMINISTRADOR—B. C. DE FARIA



N. 7.

Maio de 1883

ANNO I

A EDUCAÇÃO DA MULHER

1

Uma das grandes questões, cuja solução prende a atenção do nosso seculo, é sem duvida a educação da mulher.

Está plenamente reconhecido que o engrandecimento dos povos modernos baseia-se na sua instrucção cuja base é a educação da mulher.

O nosso seculo que sempre marchando com o progresso, soube avaliar os raros dotes da mulher, collocando-a no seu verdadeiro logar—como mãe de familia, —abindo campo aos seus dotes intellec-tuaes, franqueando-lhe as portas das aca-demias, elevando-a até ocupar um logar na sociedade, no mesmo nível ao do hom-mem, quer a toda custa, educal-a con-venientemente, pois que reconhece, e com fundamento que della depende o futuro glorioso das nações que seguem a mar-cha do progresso civilizador.

Basta dirigir-mos nosso olhar sobre os Estados Unidos, sobre a Inglaterra, sobre a Suissa e a França para ter-mos provas palpaveis de nosso asserto. Nes-ses paizes cuidara-se tanto dessa magna questão que, hoje em dia, a educação da mulher é tão completa ou superior á do homem.

No Brazil, infelizmente a educação da mulher ainda está muitissimo atrasada, graças á má administração do paiz, que não cuida devidamente da instrucção popular.

Todos os dias deparamos nas columnas da imprensa, com noticias officiaes, que a secretaria do Imperio dispensa de exa-mes uma infinidade de «pretendentes» ao logar de professoras publicas.

E' sensivelmente doloroso para nosso paiz consentir-se tamanho absurdo.

Os logares do magistério devem ser respeitados e só preenchidos por pessoas idoneas e capazes de desempenhal-os. Procedendo d'outra maneira, a adminis-tração não cumpre os seus deveres para com a opinião publica, pois que, n'uma questão de grande importancia como é a instrucção, deixa-se dominar e proceder, não de acordo com a lei, nem à jus-

tiça, mas sim que, levada pelo domin de certos privilegios e compromissos pa-ramente particulares.

O mal que destas leviandades resulta é facil de se prevêr e redonda sempre em prejuizo do povo da sua educação, soffrendo especialmente a da mulher.

Torna-se, pois, imprescindivelmente necessario, acabar com os privilegios e absurdos, em artigos successivos demonstraremos mais amplamente este mal, com o fim de fazer-mos respeitar a lei em bem da justiça.

CLUB VASQUES

Este club festejou o seu primeiro aniversario com uma festa dada no theatro S. Luiz, no dia 14 do corrente.

A este divertimento affluiram grande numero de familias da nossa melhor sociedade, trajando variadas e elegantes toilettes.

Depois de um eloquente discurso pro-nunciado pelo socio Sr. Cardoso da Metta, representou-se o drama em 3 actos escripto pelo mesmo senhor «O crime de Valentina» sendo brilhantemente des-empenhado; seguindo-se a comedia em 1 acto, original do socio Petra de Barros «Por causa da Pindalhyba» que fez rir immensamente a platéa.

Compareceu á festa o popular artista Vasques que muito applaudio os amadores.

Não faltaram palmas, flores e vivas. Duas elegantes mocinhas esmolararam para a liberdade dos escravos.

Emfim foi uma noite simplesmente es-plendida que o Club offereceu aos seus convidados.

Pelo convite que nos enviou a directo-ria só temos de agradecer muito e desejar que nos proporcione sempre esses divertimentos.

Avante !

CONVITE

Recebemos um para assistir-mos á ses-sãosolemne magna de installação do Congresso Litterario Vinte e Quatro de Maio, no dia 24 do corrente.

Lá iremos e muito obrigado.

POR CAUSA DE DOUS PHOSPHOROS

Narcizo e Rosinha era um casal de pombinhos que vivião na mais intima cordialidade, unidos ha dous annos, parecia terem realizado o casamento na vespera; alem dos dous, só havia em casa uma criancinha morena de cabellos pretos que apezar de não ser da familia era considerada como tal, e qualquer dos dous procurava ser o mais carinhoso para a criancinha que tinhão recolhido por compaixão.

Não erão ricos, por isso enquanto Narcizo trabalhava, Rosinha cuidava nos arranjos da casa; moravam en um sotão e sem querer dizer mal do morador do sobrado que era abastado, pôde-se garantir que o commodo ocupado pelo casal era melhor arranjado.

Um dia Narcizo entrou em casa bastante contrariado; eram onze horas da noite e elle tinha prolongado o serviço até pouco antes, por assim o ordenar seus patrões.

Rosinha ao escurecer sentou-se á janela com a criancinha, e tendo esta adormecido, ella deitou-a na cama e apagando o lampião, voltou para a janela que dava para os fundos da casa, e contemplou a lua, que naquella noite estava esplendida; logo que seu marido entrou ella apressou-se em vir ao seu encontro e beijaram-se como era costume; neste momento ella reconheceu que seu esposo estava contrariado e procurou agradar-lhe o mais possível; estando frio o chá, ella collocou o fogareiro de espirito na meza e foi procurar a caixa dos phosphoros; não encontrou-a em parte alguma e receiosa aproximou-se de seu marido e perguntou-lhe: — Filhinho, (tratava-o assim) tens phosphoros ahi? Elle sem responder tirou do bolso uma caixa na qual só existião dous; ella abriu-a e riscou o primeiro que apagou-se imediatamente; com a mão tremula tirou o segundo e com toda cautela riscou-o; quando porém, ia collocando-o sobre o fogareiro, o phosphoro desprendeu-se-lhe da mão e caiu sobre a meza apagando-se tambem.

— Filhinho os phosphoros apagaram-se tu não tens outra caixa?

— Pois tu gastaste os dous phosphoros e não acendeste o fogareiro? Agora estamos bem arranjados, alem de trabalhar até estas horas, ainda tenho de me deitar sem ceia!

— Mas filhinho, eu não tive culpa, a caixa só tinha dous.

— E ainda dizes que não tiveste a culpa! Ante-hontem eu deitei kerozene no lampião e acendi-o só gasando com todo este trabalho um phosphoro, e tu gastes dous e não consegues acender o espirito que é muito mais facil: e nem ao menos te lembraste de acender primeiro o lampião.

— Está bem filhinho eu vou em baixo pedir a D. Senhorinha que me empreste os phosphoros.

— Isto nunca! Queres então incomodar os outros, não basta o barulho que estamos fazendo?

Rosinha principiou a chorar e foi sentar-se na escada.

A criancinha tendo acordado levantou-se, e vendo Rosinha dirigir-se para a escada, acompanhou-a e collocou-se-lhe na frente, julgando que Rosinha ia descer; esta afastou-a brandamente, porém, com tanta infelicidade que a criancinha rolou as escadas.

Rosinha deu um grito e desceu rapidamente; Narcizo tambem correu a socorrer a criancinha: ao chegar em baixo já encontrou-a desfalecida nos braços de Rosinha e D. Senhorinha que também acordou e veio ver o que havia acontecido.

Narcizo sahiu e voltou poucos minutos depois, acompanhado de um medico que fez o primeiro curativo, felizmente a criancinha apenas soffreu um ferimento na cabeça.

Depois que se retirou o medico, Narcizo pediu muitas desculpas a D. Senhorinha, que por ser muito delicada não indagou o que se havia passado; Narcizo acompanhou-a até a escada e voltou a sentar-se na cama da criancinha onde estava tambem Rosinha.

O silencio entre elles foi longo; ambos com a cabeça sobre o peito não animavam-se a olhar um para o outro; a criancinha rompeu o silencio:

— A mäesinha está zangado com papai?

Rosinha olhou para a criancinha e passou-lhe a mão pelos cabellos.

— Então não respondes mäesinha? E segurando-lhe a mão, procurou a de Narcizo e collocou uma sobre a outra.

Elles trocaram um rapido olhar.

— Teu paesinho, disse Rosinha, ficou mal commigo por causa de dous phosphoros!

— A caixa está cheia mäesinha.

— Porém, eu não a encontrei e a de teu paesinho só tinha dous phosphoros que apagaram-se.

— Oh, mäesinha a culpa foi minha; quando eu fui para a janela com mäesinha levei a caixa e deixei ficar no telhado junto da janela; e virando-se para Narcizo disse-lhe: paesinho, se gosta muito de mim faça as pazes com mäesinha, sim?

Narcizo olhou para a criancinha e desprendendo a mão que ella unia á de Rosinha, puxou-a meigamente a si e beijou-a.

A criancinha sorriu e fechos os olhos para dormir.

Rosinha foi aquecer o chá, e quando estavam ceiando Narcizo disse-lhe quasi ao ouvido: é preciso estudares uma men-

ira para que D. Senhorinha ignore sempre que nos zangamos.

— Sim filhinho, mesmo porque é uma vergonha dizer que foi por causa de dous phosphoros.

BELLARMINO F. BAPTISTA.

BIOGRAPHIAS RAPIDAS

I

BELLARMINO F. BAPTISTA

E' um rapaz moreno e delgado.

* No seu rosto derrama-se esta sympathia que insensivelmente nos attrahe; o seu labio superior cobre-se com um fino e sedoso bigode castanho: no seu todo existe muita distincção.

Colleciona jornaes quando tem certeza que elles não cahem, lê folhetins e aprecia romances.

Tem uma conversa variada, adubada continuamente com uns laivos de espirito.

Faz uns mimosos *triolets*, odeia as sogras e quando dà o braço a uma dama (como já o vimos) é um perfeito cavaleiro.

II

JOÃO Z. GOMES DO AMARAL

E' meu amigo.

Conheci-o nos tempos collegiaes e quando tinha por livro de leitura a *Historia do Brazil*, em que se estudava orthographia, tendo por mestre um velho rabujento, tabaquista, o seu Ferrandes, como nós o appellidámos, que gostava de experimentar o estado d'uma frecha nas nossas cabeças desmioladas.

Ah! que bom tempo aquelle em que se levava a vida em risos e sem preocupações.

Desde ahi somos sempre muito unidos.

Mas tudo isso passou, chegou a idade da mocidade e com ella as illusões, os estudos serios. Então começamos a travar relações com Halbout, Abreu, Chateaubriand etc. Teve-se de experimentar os perigos de um exame e fizemos a nossa primeira *prova-escripta*.

Hoje elle é um D. Juan temivel. E' rara a menina galante que não fique pelo beijo quando o meu amigo a fita com aquelle olhar bom, terno e apaixonado.

O seu rosto é bonito e na sua fronte ainda não se chega a cavar uma só ruga que denote um perador profundo.

Pois, se elle leva a vida assim alegremente.

Mas isto não prova que elle não tem juizo; muito ao contrario, tem-no e bastante.

Gosta de passeiar á noite, adora as argentinas e tem sempre duas ou tres namoradas.

Não quiz estudar, atirou-se á aridez de um escriptorio de uma companhia de paquetes e onde constantemente ouve a lingua que fallaram Byron, Shakspeare & Milton.

E' generoso, amavel e muitissimo delicado.

Lembro-me que, quando mais crianças eu e elle, por pandega, escrevemos uma carta, em papel bordado, á umas morenhas da rua... não, não digo o nome para não avivar recordações.

Não fuma, não joga e bebe... refrescos.

Nunca imaginei ter-lhe de escrever a biographia, mas como é isso necessario ella ahi fica.

A. GUIMARÃES.

A' CORTE

Faz annos no dia 23 do corrente a Exma. Sra. D. Ercilia de Sá Carvalho.

A *Novidade* regosija-se sempre que tem occasião de noticiar o anniversario de bellas mocinhas, como a que acima temos a satisfação de noticiar.

— () —

Decisrações das charadas passadas: *Novidade, Carroça, Parede, Faria, Fálua, Charrua, Pariz*, o synonymo das palavras:

Homem	Thomaz
Sentimento	Amor
Opera	Semiramis
Classico	Salustio
Escriptor	Ovidio

Tasso.

Charadas decapitadas: Coração e Durmas.

Offereçemos o mesmo premio do numero passado ao primeiro decifrador das de hoje.

CHARADAS

2—3 Deste homem extrahio um instrumento.

2—2 Querer bem a cadeia é signal de desespero.

2—2 Cana e trombeta só no Brazil se vê.

2—2 Acolá n'aquelle monte tem afamos.

1—2 A prima só tem prazer neste mez.

1—1—2 A tinta tem na musica e no navio uma celebridade antiga.

2—2 Este homem seguia o triumpho.

1—2 A quarta fructa no theatro.

ANNIVERSARIO

Faz annos no dia 30 do corrente a Exma. Sra. D. Adelaide Sá Bastos.

A *Novidade* curva-se e faz-lhe um chic comprimento.

ONDINA

No proximo numero publicaremos uma variedade com o titulo acima do nosso amigo Mello Reis, o que não fizemos neste por falta de espaço.

Poesias

A VIDA

AO MEU PARTICULAR AMIGO GARLOS
ANTONIO MACHADO

A vida é só miseria, vil engano,
Um «nada» revestido de europeis,
Uma moeda de cobre azinhavrada
Que paga uma roleta nos bordeis.

A vida é um lupanar nadando em lodo
Em que a alma prostitue-se a cada
passo,
Scenario de mil crimes, mil horrores
Em que a honra e o bandido dão-se o
braço.

Mas dize la dos Céos oh, grande Deus,
Vai lér nos teus arcanos, vai, pres-
cruta,

E dize, se viver é ter um cobre
E atiral-o, sorrindo, á prostituta ?

A vida ao começar é entre flôres,
Depois entre sorrisos de agonia,
Adormece-se sonhando mil venturas,
Acorda-se c' o a morte nua e fria.

10 de Maio de 1883,

JOÃO DE DEUS PEDROSO.

— «:» —

AO LUAR

A' ZILDA

E' noite — serena lua
Vaga em céo, todo de anil,
E eu medito e suspiro
Por essas noites de Abril.

Por essas noites tão bellas
Que em terno enleio de amor,
Eu sósinho ia comtigo
E beijei-te, oh, minha flór !

Beijei-te, sim, formosura !
Beijei-te, sim, qual Romeu,
Quando fictavas a lua
Quando sorrias p'ra o céo.

E depois, nós nos sentamos
Por sob espessa mangueira,
E a lua rompia as folhas
P'ra contemplar-te faceira,

Assim eu pude rever
Esse rosto que é só meu,
Em quanto a lua risonha
Vagava meiga no céo.

Reclinei inda meu rosto,
Sobre teu collo singello,
E tive um sonho tão puro
Um sonho tão santo e bello,

• Ao despertar, sim, me lembro
Procurei-te, oh, formosura !
Tu não s'tavas; só restava
Essa lus Santa e pura.

Maio de 1882

J. P. LEME DA COSTA.

ACROSTICO

Offerecido a illustrada redacção do
PERICDICO QUINZENAL

►vante... mocidade esperançosa,
Na vida litteraria tens a gloria ?
O mundo, o pensamento e a historia,
Os illumine a idéa glorioza.
Immensas sejão as vossas producções
Demonstrando um genio fulgurante,
►lém, oh, mocidade ! avante, avante :
Ceus vos guie, e vos dê inspirações,
Encetando a carreira assás brilhante !

F. M. PEREIRA DAS NEVES,

— «:» —

VISITAS

Temos recebido os seguintes jornaes :
Corsario.

Mequetrefe, orgão ilustrado contendo
boas pilherias.

Gazetinha A guia de Ouro, rabina, te-
mossa e muito faceirinha.

Cruzada, orgão da Escola Militar, con-
tendo artigos e poesias bem escriptas.

Espectador, jornal consagrado a arte
dramatica, lembra bem boas medidas a
respeito dos cambistas, além de outras
criticas a respeito dos theatros.

Cometa. O Cometa está mais crescido,
isto devido a boa administração e von-
tade por parte da redacção, é um exceil-
lente jornalsinho, que nunca sahio fóra
do seu programma, agradecemos immen-
samente ao collega aquellas palavras que
nos dirige, que venha sempre com o es-
pirito que tem tido até esta data.

Tentamen. E' uma publicação do Gre-
mio Tautphœus, além dos artigos escri-
ptos com graça, traz um conjunto de
triolets muito bonsinhos, enfim, é uma
publicação que honra-nos sempre quando
apparece em nosso escriptorio, prima-
pela verdade de que fallou em seu ulti-
mo numero, no artigo de fundo. Tam-
bem ao collega temos de agradecer, as
palavras que dirigio-nos.

A Novidade abraça o Tentamen.

Phalange. Com effeito ! tambem está
bem crescido e sempre escripto com
aquella graça natural, que dota a redac-
ção da folha.

O collega mudou de nome, mas nem
por isso deixou de ter a mesma sympathy
a acceitação de outr'ora.

Terceiro Districto. A tanto tempo que
existe o collega e nunca quiz aparecer-
nos, o que tez ultimamente representado
pelo n. 23 agora verdade é que vem bem
escripto e pugna pelos interesses do ter-
ceiro districto.

Ao collega pedimos sempre sua pre-
sença.

Livro do Povo. Jornal que se publica
em Pouso Alegre (Minas).

Gazeta de Barbacena. Publicação da
cidade de Barbacena (Minas).

A todos agradecemos e permutaremos.